

AUTOMEDICAÇÃO: PRÁTICA FREQUENTE NA ADOLESCÊNCIA? ESTUDO EM UMA AMOSTRA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE SOROCABA
SELF-MEDICATION: FREQUENT PRACTICE IN ADOLESCENCE? STUDY ON A SAMPLE OF HIGH SCHOOL STUDENTS IN SOROCABA

Inês Maria Crespo Gutierrez Pardo¹, Débora Rodrigues Jozala², André Lanza Carioca², Sandra Regina Dantas Nascimento¹, Valéria Cristina Ramos Santucci¹

RESUMO

Objetivos: a automedicação é uma prática que vem sendo amplamente discutida em âmbito mundial, tornando-se alvo de diversos estudos, inclusive no Brasil. A automedicação equivocada pode gerar danos ao indivíduo. Crianças e adolescentes são o grupo mais inclinado para uso irracional de medicamentos. O presente trabalho tem como objetivo conhecer o comportamento dos estudantes do ensino médio em relação à automedicação. Métodos: estudo transversal com amostra de 79 adolescentes de ensino médio, com idade de 14 a 18 anos, de ambos os sexos. O questionário aplicado contemplou as variáveis: idade, gênero, série, frequência do consumo de medicamentos, quem orientou o consumo e a automedicação, e foram avaliados por meio de perguntas dicotômicas, em caso afirmativo, especificando o (s) fármaco (s) utilizado (s) e sua finalidade. Resultados: a automedicação ocorreu em 96,2% da amostra, sem diferença entre os sexos ($p = 0,19$) ou idade ($p = 0,61$). Dos que se automedicaram por conta própria, 55,88% baseiam-se em receitas médicas antigas. Os grupos farmacológicos mais consumidos foram analgésicos, seguidos dos remédios para resfriados ou gripes. Quase metade (48,1%) dos participantes referiu usar medicamentos sem prescrição médica. Houve associação entre a automedicação dos adolescentes e a automedicação materna ($p = 0,02$). Conclusões: é extremamente preocupante a grande porcentagem de adolescentes que praticam a automedicação, tendo em vista os potenciais riscos à saúde. O consumo de medicamentos sem orientação médica pelas mães mostrou ser um fator de influência na automedicação dos adolescentes.

Descritores: automedicação, medicamentos sem prescrição, adolescente, autocuidado.

ABSTRACT

Objectives: self-medication is a practice that has been widely discussed around the world, becoming the target of several studies, including Brazil. Self-medication can cause harm. Children and adolescents are the group most inclined to irrational use of medications. The present study aims to evaluate the behavior of high school students about self-medication. Methods: a cross-sectional sample of 79 high school teenagers, aged 14 - 18 years old of both genders. The questionnaire included the following variables: age, gender, grade, frequency of use of medications, who guided the consumption and self-medication, which were evaluated using dichotomous questions, specifying the(s) drug(s) used and their purpose. Results: the self-medication occurred in 96.2% of the sample, with no difference between genders ($p = 0.19$) or age ($p = 0.61$). Among those who self-medicated on their own, 55.88% based on old prescriptions. The most consumed pharmacological groups were analgesics, followed by medicines for colds or flu. Almost half (48.1%) participants reported using nonprescription medicines.

There was association between adolescents' self-medication and maternal self-medication ($p = 0.02$). Conclusion: it is extremely worrying the large percentage of adolescents who engage in self-medication, in view of the potential health risks. The consumption of drugs without medical advice by mothers proved to be an influencing factor in adolescents' self-medication.

Key-words: self medication, nonprescription drugs, adolescent, self care.

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática que vem sendo amplamente discutida em âmbito mundial, tornando-se alvo de diversos estudos, inclusive no Brasil, onde cerca de 80 milhões de pessoas a praticam.¹ Pode ser definida como o uso de um produto de escolha do indivíduo ou do responsável a fim de tratar doenças ou sintomas independentemente da prescrição ou orientação médica.^{2,4}

Tendo em vista o estilo de vida da sociedade capitalista e o marcante papel da publicidade neste contexto,⁵ aliados à melhoria do nível educacional e melhor acesso à informação, o autocuidado passa a ter maior importância, principalmente no que diz respeito a um de seus fatores: a automedicação.^{6,7} Além disso, a dificuldade de acesso à saúde pela população de baixa renda, principalmente em países em desenvolvimento, torna a automedicação uma forma prática e acessível de promover a auto-atenção.^{2,4}

A automedicação equivocada pode gerar danos ao indivíduo, como efeitos indesejáveis, interações com alimentos e outros medicamentos, risco de dependência ou até mesmo pode ocultar alguma comorbidade.^{5,8} Tendo em vista estes riscos, diversas pesquisas vêm sendo realizadas no Brasil, onde a automedicação é bastante preocupante.⁴

Grupo que está ainda mais propenso ao uso irracional de medicamentos com e sem controle médico é o das crianças e adolescentes.⁹ Há autores na literatura que estudaram o uso irracional de medicamentos por crianças,¹⁰⁻¹³ todavia, poucos estudos, mesmo no Brasil, foram feitos para avaliar o consumo de medicamentos entre os adolescentes.^{9,14}

Adolescentes correspondem a pessoas jovens de 10 a 19 anos, segundo a OMS, que estão em um período de mudanças físicas e psicológicas, e também de mudanças nas interações sociais e relacionamentos.¹⁵ Estes fatores, associados à influência fortemente presente da mídia,¹⁶ podem contribuir para a prática da automedicação, tendo em vista as novas experiências deste

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 15, n. 2, p. 11 - 15, 2013

1. Professora do Depto. de Medicina - FCMS/PUC-SP

2. Acadêmica(o) do curso de Medicina - FCMS/PUC-SP

Recebido em 29/7/2012. Aceito para publicação em 13/9/2012.

Contato: doctorpardo@hotmail.com

período e o desenvolvimento de capacidades e julgamentos cognitivos individuais.¹⁴ Há necessidade de estudos que melhor avaliem os aspectos que influenciam neste processo do autocuidado a fim de se estabelecer estratégias de prevenção dos riscos como contribuição ao desenvolvimento do adolescente em um adulto saudável.

OBJETIVOS

Tendo em vista a pouca quantidade de informações sobre o uso de medicamentos sem prescrições em adolescentes e a importância deste tema em termos de saúde pública, decidiu-se realizar o presente estudo com o objetivo de analisar o índice de automedicação entre estudantes do ensino médio, apontar os medicamentos mais utilizados e identificar os motivos que levam os estudantes ao uso de medicamentos.

MATERIAL E MÉTODOS

Estudo de natureza transversal, com a participação de 79 estudantes do ensino médio de escola pública de Sorocaba, que voluntariamente aceitaram participar, tendo os responsáveis assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi autorizado pelo Comitê de Ética da instituição e a participação dos alunos se deu mediante assinatura dos responsáveis, conforme determinação 196/96.

Para o cálculo do tamanho amostral adotou-se o valor sugerido pelo estudo de consumo de medicamentos por estudantes adolescentes do município de Vitória,¹⁷ que utilizou o tamanho amostral de 71 estudantes.

Aplicou-se questionário com perguntas abertas e fechadas, incluindo dados sociodemográficos. O questionário é adaptado do trabalho “Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos” publicado pela Revista Brasileira de Otorrinolaringologia¹⁸ e do trabalho de doutorado de Francis Tourinho, publicado no *Jornal de Pediatria*.⁹

O programa SPSS (versão 12.0) foi utilizado para as análises estatísticas. A descrição de todas as variáveis numéricas foi realizada pelo uso das médias e desvios-padrão. O teste do qui-quadrado foi utilizado para avaliar as variáveis qualitativas, para as variáveis quantitativas utilizou-se o teste de Mann-Whitney.

RESULTADOS

A pesquisa contou com a participação de 79 estudantes, sendo 24,05% do sexo masculino e 75,95% do feminino, correspondendo a 46,84% alunos do 1º ano, 25,32% do 2º ano, e 24,05% do 3º ano do ensino médio. A idade dos participantes variou entre 14 e 18 anos. A idade média do sexo masculino foi de $15,2 \pm 1,0$ anos e do sexo feminino foi de $15,5 \pm 0,9$ anos, sem diferença entre os sexos ($p = 0,22$). Todos os respondentes referiram ser solteiros e morarem com os pais. Do total dos estudantes, 7,59% referiram trabalhar. Em relação ao acesso à saúde, 65,82% afirmaram possuir plano privado de saúde. Quanto à escolaridade paterna, a maioria (43,04%) estudou apenas até o ensino médio e 28,49% possuem ensino superior completo. Quanto à escolaridade materna, grande parte (35,44%) estudou até o ensino médio e 29,49% possuem ensino superior completo.

Quando questionados sobre uso ou compra de medicamento sem receita médica, 96,20% confirmaram, sendo que 48,10% dos participantes o fazem frequentemente, 43,02% raramente e 5,06% afirmam fazê-lo sempre. Não houve diferença entre os sexos sobre a prática de automedicação ($p = 0,19$), nem com a idade dos participantes ($p = 0,61$). Também não encontrou-se diferença estatística entre o serviço de saúde utilizado (público ou privado) e a prática de automedicação ($p = 0,96$).

Dentre os adolescentes que compraram medicamentos sem prescrição, 30,26% referiram tratar de medicamento para uso próprio, 7,89% era de uso de alguém da família e 55,26% para ambos.

Quanto a aconselhar-se com o farmacêutico ou balconistas da farmácia, 38,16% dos que compraram medicamentos sem prescrição disseram fazer isso raramente, 22,37% afirmaram fazer isso sempre, 17,11% frequentemente e 21,05% nunca fizeram isso.

Dentre os adolescentes que utilizam a automedicação, 44,74% afirmam se automedicar por conta própria e dentre esses, a grande maioria (88,24%) refere já ter experiência com o medicamento (Tabela 1).

Tabela 1. Motivos que justificariam a escolha do medicamento entre adolescentes que se automedicam por conta própria

Motivos para a automedicação:	N	%
“Já tinha experiência”	30	88,24%
“Todos usam o medicamento”	3	8,82%
Medicamento ao alcance imediato	3	8,82%
Por influência da internet, TV e outros meios de comunicação	1	2,94%
Prefere ir à farmácia diretamente	0	0,00%
“Falta de dinheiro para consultório médico”	0	0,00%
Não informaram	2	5,88%

Os analgésicos foram os fármacos mais utilizados sem prescrição médica pelos participantes da pesquisa com uma frequência de 93,42%, seguido pelos remédios para resfriados e gripes, com 81,58%, e pelos remédios para cólicas com 59,21%. Quanto aos analgésicos 42,11% referiram utilizar uma vez ao mês, 9,21% uma vez por semana, 5,26% diariamente e

36,84% eventualmente. Os medicamentos para resfriados e gripes são usados eventualmente em 46,05% dos casos e uma vez ao mês em 28,95%. Quanto aos remédios para cólicas, a frequência mais referida foi de uma vez ao mês com 47,37% (Tabela 2).

Tabela 2. Frequência do uso dos medicamentos sem prescrição médica entre os adolescentes

Medicamento	Faz uso:	1 x mês	1 x semana	Diariamente	Nunca	Outro Eventual	Não Informou
Analgésicos	93,42%	42,11%	9,21%	5,26%	6,58%	36,84%	0,00%
Remédios para resfriados/gripes	81,58%	28,95%	5,26%	1,32%	18,42%	46,05%	0,00%
Remédios para cólica	59,21%	47,37%	1,32%	1,32%	40,79%	9,21%	0,00%
Anti-inflamatórios	51,32%	21,05%	2,63%	0,00%	48,68%	27,63%	0,00%
Remédios para ansia, vômitos	43,42%	13,16%	1,32%	2,63%	56,58%	26,32%	0,00%
Xaropes para tosse	36,84%	13,16%	1,32%	0,00%	63,16%	21,05%	1,32%
Antialérgico/ Anti-histamínico	27,63%	6,58%	7,89%	0,00%	72,37%	13,16%	0,00%
Antibióticos	22,37%	3,95%	0,00%	0,00%	77,63%	18,42%	0,00%
Vitaminas	21,05%	3,95%	1,32%	7,89%	78,95%	7,89%	0,00%
Anticoncepcionais	14,47%	0,00%	0,00%	13,16%	85,53%	1,32%	0,00%
Remédios homeopáticos	11,84%	1,32%	1,32%	3,95%	88,16%	5,26%	0,00%
Outros	1,32%	0,00%	0,00%	0,00%	98,68%	0,00%	1,32%

A maioria dos participantes teve sua última consulta médica entre um e três meses atrás com 30,38%, 17,72% consultaram-se entre uma semana e um mês atrás, 6,33% há menos de uma semana e 24,05% mais de três meses.

A maioria dos participantes afirma que convive com pessoas que se automedicam, sendo que 56,96% relataram que a mãe pratica automedicação, 35,44% o pai, 22,78% dos amigos e 5,06% dos vizinhos. Houve associação entre a automedicação dos adolescentes e a automedicação materna ($p = 0,02$ - Figura 1).

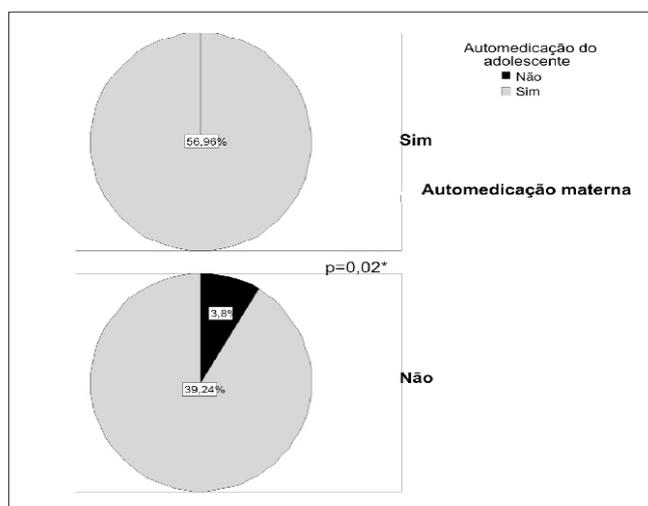


Figura 1. Associação entre automedicação materna e do adolescente

*teste do quiquadrado

DISCUSSÃO

No presente estudo, dentre todos os adolescentes participantes, pudemos concluir que 96,20% praticam automedicação em algum determinado momento. Trata-se de uma frequência elevada ao tomarmos como base trabalhos brasileiros realizados com adultos,^{2,3} o que revela que a automedicação pediátrica é uma prática concreta e preocupante, como já apontado por outros trabalhos.^{9,10,12,14,19}

São escassos os trabalhos que abordam essa população em relação à questão da automedicação^{9,14} e também poucos são os estudos da área pediátrica^{10,12,14,19} quanto ao tema aludido.

Trabalho realizado com adolescentes, no que diz respeito a consumo de medicamentos no geral,¹⁴ apontou que cerca da metade dos participantes fizeram uso de medicamentos nos últimos sete dias da pesquisa. Outro trabalho revelou consumo de medicamentos sem prescrição médica de 56,6% dos participantes nos últimos 15 dias.⁹

Pesquisa realizada em escolas do município de Fortaleza,¹⁹ com vasta amostra de estudantes, revelou que 72% fez uso de medicamentos nos últimos dois meses antes da entrevista, sendo que 20,8% praticaram automedicação por conta própria e 51,2% receberam indicação dos pais.

Dado alarmante do presente trabalho consiste na referência de uso de medicamentos sem prescrição médica frequentemente por 48,10% dos participantes, pois sugere menor procura de serviços de saúde pelos adolescentes para resolução de doenças e/ou sintomas mais usuais. Os riscos da automedicação são conhecidos e abordados por diversos trabalhos,^{5,8} o que nos desperta preocupação quanto à qualidade da automedicação exercida e aos malefícios que poderia acarretar agudamente e em longo prazo, como intoxicações e abordagem apenas sintomática de uma patologia sem seu tratamento correto e definitivo.

Estudos brasileiros sobre automedicação assinalam que o sexo feminino é predominante desta prática.^{4,20} No presente estudo não houve diferença estatística entre os sexos, indicando que ambos os sexos praticaram a automedicação.

Quanto ao serviço de saúde utilizado pelos adolescentes que se automedicam, houve trabalho que encontrou predominância do uso do serviço público.¹⁴ No presente estudo não houve diferenças entre os serviços. Sugerimos que este dado provavelmente varie de acordo com características culturais e condições do serviço público locais, de forma que estudos específicos se fazem necessários para maior esclarecimento dessa variável.

Parte considerável dos que se automedicam (44,74%) referem fazê-lo por conta própria, apontando que já possuíam experiência com o medicamento previamente como principal justificativa (88,24%). Dentre esses adolescentes que se automedicam por conta própria, 55,88% referiram basearem-se em receitas antigas, prática já referida por outros trabalhos na população geral.^{4,21}

Em relação aos medicamentos sem prescrição mais utilizados, predominaram os medicamentos para tratamento de dor ou febre (89,87%), seguidos por medicamentos para tratamento de gripe e resfriados (78,48%), de cólicas (56,96%) e anti-inflamatórios no geral (49,37%), destacando-se que a maioria desses fármacos têm como compostos básicos analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais.

Trabalhos realizados com adolescentes encontraram analgésicos/anti-inflamatórios e antibióticos em maior frequência.^{9,14,20} Apesar de ser de uso comum na população brasileira no geral como sintomáticos,^{4,10,21} o uso de anti-inflamatórios e analgésicos, como acetaminofeno e ácido acetilsalicílico, podem significar malefícios, tendo em vista seus efeitos colaterais (como irritabilidade gástrica), poder de mascaramento de doenças e intoxicações.²² Ênfase deve ser dada ao fato de que 42,11% dos adolescentes do presente estudo que se automedicam, fazem uso de analgésicos ao menos uma vez ao mês.

Em relação a aconselhamento com farmacêuticos e balconistas de farmácia, a maioria afirmou exercê-lo raramente (38,16%). Trabalhos anteriores fazem referência ao papel das consultas na farmácia, comum no Brasil e em outros países.^{21,23,24} Alguns trabalhos que abordam o tema da automedicação na população geral apontam os parentes e amigos como principais sujeitos integrativos no aconselhamento dessa prática.^{25,26}

A figura materna é frequentemente vinculada à prática da automedicação em crianças e adolescentes na literatura.^{10,14} Em nosso trabalho, interrogamos sobre a prática da automedicação por pessoas do convívio dos adolescentes. Assim, 56,96% dos adolescentes referiram automedicação materna e 35,44% paterna. Houve associação positiva entre a automedicação materna com os adolescentes que se automedicam. Este dado pode sugerir maior influência da atuação de parentes, mais

especificamente das mães,^{10,27} no cuidado de doenças e na indicação do medicamento sem prescrição médica a seus filhos, seja por maior experiência com os medicamentos ou maior intenção de cuidado. Contudo, claramente novos estudos são necessários no que diz respeito a esta importante característica que vem sendo notada na literatura, já que esta prática no ambiente familiar pode influenciar diretamente na atitude do adolescente frente ao seu estado de saúde.^{28,29}

Algumas limitações deste estudo devem ser consideradas. A natureza transversal dos dados não permite estabelecer associação causal entre as variáveis. Outra limitação é a utilização de questionário, que confere caráter subjetivo ao estudo. Por outro lado, estudos transversais são importantes para o direcionamento de estudos prospectivos.

Em síntese, no atual trabalho pode-se averiguar uma frequência alarmante de adolescentes que se automedicam. Este dado é preocupante, tendo em vista que esta prática não é realizada de maneira apropriada, além de sugerir que a automedicação vem sendo realizada em idade cada vez mais precoce na população brasileira. Novos estudos são necessários para investigar a dinâmica do comportamento dos jovens para que hábitos saudáveis sejam estabelecidos, juntamente aos familiares - sujeitos amplamente envolvidos com a prática da automedicação dos filhos. É raro encontrar artigos brasileiros discutindo políticas públicas com o objetivo de promover intervenções e estratégias de prevenção à automedicação.³⁰

Além disso, ao considerar-se que o adolescente escolar encontra-se em fase importante de aprendizado e de atuação social, entende-se que se trata de um período onde a atuação na problemática referida possa gerar resultados efetivos, permitindo o desenvolvimento de uma população saudável e consciente. Dessa forma, entre as diretrizes que norteiam ações públicas de prevenção ao uso indevido de medicamentos, devem ocorrer campanhas educativas voltadas para os adolescentes, com especial abordagem para os analgésicos, medicamentos mais consumidos segundo nosso estudo.

CONCLUSÃO

A partir do presente estudo, permitiu-se concluir que a automedicação entre adolescentes é concreta e alarmante, fenômeno que se torna ainda mais inquietante quando tem sua prevalência analisada comparativamente à população geral. Políticas de saúde de caráter urgente são necessárias para que medidas de prevenção de danos e instituição de hábitos saudáveis sejam preconizadas para esta população em especial, juntamente a seus familiares.

Agradecimentos

Aos alunos e seus responsáveis por concordarem em participar deste estudo científico.

Conflito de Interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

REFERÊNCIAS

1. Souza JFR, Marinho CLC, Guilam MCR. Consumo de medicamentos e internet: análise crítica de uma comunidade virtual. *Rev Assoc Méd Bras.* 2008;54(3):225-31.
2. Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados

- do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública*. 2002;36(1):55-62.
3. Ferraz ST, Grunewald T, Rocha FRS, Chehuen Neto JA, Sirimarco MT. Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora – MG perante a automedicação. *HU Rev*. 2008;34(3):185-90.
 4. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev Saúde Pública*. 1997;31(1):71-7.
 5. Luchessi AD, Marçal BF, Araújo GF de, Uliana LZ, Rocha MRG, Pinto TJA. Monitoração de propaganda e publicidade de medicamentos: âmbito de São Paulo. *Rev Bras Ciênc Farm*. 2005;41(3):345-9.
 6. WHO. Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for use in Self-Medication. Genebra: WHO; 2000.
 7. WHO. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. In: Report of the 4th WHO Consultive Group on the Role of the Pharmacist; The Hague, The Netherlands; 26-28 August 1998.
 8. Maria VAJ. Automedicação, custos e saúde. *Rev Port Clin Geral*. 2000;16:11-4.
 9. Pereira FSVT, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Automedicação em crianças e adolescentes. *J Pediatr*. 2007;83(5):453-8.
 10. Bricks LF, Leone C. Utilização de medicamentos por crianças atendidas em creches. *Rev Saúde Pública*. 1996;30(6):527-35.
 11. Rylance GW, Woods CG, Cullen RE, Rylance ME. Use of drugs by children. *BMJ*. 1988;297(6646):445-7.
 12. Béria JU, Victoria CG, Barros FC, Teixeira AB, Lombardi C. Epidemiologia do consumo de medicamentos em crianças de centro urbano da região sul do Brasil. *Rev Saúde Pública*. 1993;27(2):95-104.
 13. Carvalho DC, Trevisol FS, Menegali BT, Trevisol DJ. Uso de medicamentos em crianças de zero a seis anos matriculadas em creches de Tubarão, Santa Catarina. *Rev Paul Pediatr*. 2008;26(3):238-44.
 14. Silva CH, Giugliani ERJ. Consumo de medicamentos em adolescentes escolares: uma preocupação. *J Pediatr*. 2004;80(4):326-32.
 15. WHO. Child and adolescent health and development: progress report 2009: highlights. Geneva: WHO; 2010.
 16. Contini MLJ, Koller SH, Barros MNS. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2002.
 17. Silva MVS, Trindade JBC, Oliveira CC, Mota GS, Carnielli L, Silva MFJ, Andrade MA. Consumo de medicamentos por estudantes adolescentes de Escola de Ensino Fundamental do município de Vitória. *Rev Ciênc Farm Básica Apl*. 2009;30(1):99-104.
 18. Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalira R. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. *Rev Bras Otorrinolaringol*. 2006;72(1):83-8.
 19. Silva IM, Catrib AMF, Matos VC, Gondim, APS. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Rev Ciênc Saúde Coletiva*. 2011;169(1):1651-60.
 20. Tourinho FSV, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. *J Pediatr*. 2008;84(5):416-22.
 21. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rodel APP, Bortoli R, Lemos RR. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. *Rev Saúde Pública*. 1998;32:43-9.
 22. Bricks LF. Uso judicioso de medicamentos em crianças. *J Pediatr*. 2003;79(1):S107-S14.
 23. Drug Utilization Research Group. Multicenter study on self-medication and self-prescription in six Latin American countries. *Clin Pharmacol Ther*. 1997;61:488-93.
 24. Bradley C, Blenkinsopp A. Over-the-counter drugs: the future of self-medication. *BMJ*. 1996;312:835-7.
 25. Casagrande EF, Gomes EA, Lima LCB, Oliveira MME, Oliveira RN, Riani RLA, et al. Estudo da utilização de medicamentos pela população universitária do município de Vassouras (RJ). *Infarma*. 2004;16(5/6):86-8.
 26. Ribeiro VV, Souza CA, Sarmento DS, Matos JJ, Rocha SA. Uma abordagem sobre a automedicação e o consumo de psicotrópicos em Campina Grande - PB. *Infarma*. 2003;15(11/12):78-80.
 27. Budó MLD, Ressel LB, Resta DG, Borges ZN, Denardin JM. Práticas de cuidado em relação à dor: a cultura e as alternativas populares. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2008;12(1):90-6.
 28. Béria JU. Epidemiologia do consumo de medicamentos em crianças de Pelotas, RS, Brasil: remédio não é brinquedo [tese]. Porto Alegre: Faculdade de Medicina UFRGS; 1991.
 29. Beckhauser GC, Souza JM, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis, *Rev Paul Pediatr*. 2010;28(3):262-8.
 30. Pfaffenbach GMA, Tourinho FS, Bucarechi F. Self-medication among children and adolescents. *Curr Drug Saf*. 2010;5:324-8.